

NARRATIVAS NEGRAS-FEMININAS SOBRE A PANDEMIA: REENCONTROS E RESPIROS

BLACK-FEMALE NARRATIVES ON THE PANDEMIC: REUNIONS AND BREATHS

Camila Rodrigues Francisco¹

RESUMO

Este trabalho reflete sobre a produção de Benaisha na antologia *Literatura Negra Feminina: poemas de sobre(vivência)* publicada em 2021 pelo coletivo Mjiba, organizada por Elizandra Souza e Iara Aparecida, no que tange aos processos de angústia e produção de saúde, dialogando com a intelectualidade das escritoras negras, diante da pandemia da COVID-19.

Palavras-chave: literatura negra feminina, mulheres negras, pandemia, COVID-19, escritoras negras.

ABSTRACT

This work reflects on Benaisha's contributions to the anthology "*Literatura Negra Feminina: poemas de sobre(vivência)*" published in 2021 by the Mjiba collective, organized by Elizandra Souza and Iara Aparecida. It explores themes of anguish and wellness creation, highlighting the writing of the black intellectual women during the COVID-19 pandemic.

Keywords: black women's literature, black women, pandemic, COVID-19, black women writers.

Sobre a escrita de mulheres negras

Combatendo o que chamou de produção de inexistências de epistemicídio, Heleine Souza buscou, em sua tese de doutorado publicada em livro pela Editora Malê, fazer uma leitura de três autoras negras brasileiras – Conceição Evaristo, Livia Natália e Tatiana Nascimento – denunciando a ilusória ausência de escritoras negras na literatura

¹ Doutoranda em Psicologia Social na PUC-SP. E-mail cfmilarodrigues@gmail.com

contemporânea (SOUZA, 2019). Demonstrando que a falta de acesso a essas obras, produzidas há muito mais tempo do que se tem conhecimento, tem a ver com o racismo interseccional, ela avança também em apontar as epistemes afrodiáspóricas produzidas por tais escritoras, rompendo com o silenciamento de suas obras e produzindo outras narrativas possíveis.

Se "o silêncio sobre a autoria feminina negra na poesia é escandaloso e produziu muitos apagamentos que precisam de reparação" (SOUZA, 2019, p. 157), colocar a pessoa negra no protagonismo das histórias e das autorias possibilita o exercício da autodeterminação, produzindo outras epistemologias de identificação e representação. Portanto, a literatura negro-feminina possui uma agenda contraepistemicida.

Em diálogo, Miriam Santos propõe em sua pesquisa analisar a prosa negro-brasileira produzida por mulheres como uma forma de intelectualidade, contribuindo para a construção da cidadania em nossa sociedade. Para isso, ela analisou a prosa de renomadas escritoras — a saber, Miriam Alves, Conceição Evaristo e Cristiane Sobral — identificando, em obras selecionadas, as reivindicações, questionamentos e propostas de intervenção social que desconstruem os lugares de classe, raça e gênero impostos à mulher negra no Brasil. Nesse sentido, ela aponta:

Em minhas análises proponho – na perspectiva de que ‘o pessoal é político’ – que as vivências das mulheres negras também sejam mapeadas/observadas por meio da análise da representação de seu cotidiano, uma vez que perpassaria a vida dessas mulheres uma multiplicidade de situações de desigualdades de poder, tanto na esfera pública quanto na esfera privada (SANTOS, 2018, p. 22).

Portanto, as mulheres negras intelectuais demonstram um agenciamento que, em diálogo com Conceição Evaristo, tem a ver com "escrever e publicar para mulheres negras como um ato político" (EVARISTO, 2017 *apud* SANTOS, 2018, p. 234). Essas escritoras tornam-se intelectuais ao buscar transformar a realidade social através de suas palavras, que, entre outras coisas, tornam-se força, resistência, afirmação e denúncia (SANTOS, 2018).

Nesse sentido, o objetivo deste trabalho é apresentar uma reflexão sobre as produções intelectuais, desde a literatura, concernentes às angústias geradas no período da pandemia global da COVID-19, abordando, ao mesmo tempo, as estratégias utilizadas para a manutenção da vida. Fazemos isso dialogando diretamente com textos de uma antologia, que detalhamos na seção a seguir.

Sobre a obra elencada

A obra *Literatura Negra Feminina: poemas de sobre(vivência)* é uma antologia de poemas de mulheres negras, organizada por Elizandra Souza e Iara Aparecida, publicada pela Editora Mjiba em São Paulo. Trata-se de um compilado de 30 autoras negras, de diversas partes do Brasil, cujos textos foram enviados e selecionados via rede social no período da pandemia da COVID-19, em 2020. As trinta autoras participantes da antologia tiveram dois textos publicados. Segundo a resenha de Constância Lima Duarte, foi a quinta antologia de escritoras negras publicada no ano de 2021, portanto, "o ano em que as escritoras negras bombaram!" (DUARTE, 2022). O livro está dividido em cinco capítulos; em um deles, apresentam-se dois poemas de cada autora com autobiografias fotografadas. Nos demais capítulos, encontram-se outros importantes textos, com destaque para uma belíssima e imprescindível linha do tempo da Literatura Negra Feminina brasileira, elaborada pelas organizadoras, que começa em 1859 com a publicação de *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis, e termina com a autora Midria e sua obra publicada em 2020, *A menina que nasceu sem cor* (MORAES & SOUZA, 2021).

Na apresentação do livro, as organizadoras mencionam que há uma produção profícua de escritoras negras nos últimos 30 anos e que aquelas que não possuem uma obra individual começam a publicar seus textos por meio de antologias. Estas aparecem como uma oportunidade de divulgação e circulação da escrita de mulheres negras diversas entre si, que se fortalecem na coletividade (MORAES & SOUZA, 2021, p. 17). Nessa seara, importa mencionar que a tradição de coletivização da experiência da escrita literária tem como marco pioneiro os Cadernos Negros, que desde 1978

apresentam compilados de textos publicados por autores e autoras negras brasileiras². Trata-se de uma importante rede de escritores e escritoras — estas, ainda em número reduzido — no panorama da literatura brasileira, de modo que se fortaleceu como um espaço de resistência, trocas e difusão da literatura negro-brasileira (Santos, 2018). A apresentação ainda menciona que, em 1998, houve a publicação de duas importantes antologias focadas na produção de escritoras negras e que o coletivo Mjiba — do qual deriva a editora que publica a obra aqui destacada — também publicou, em 2013, uma antologia com autoras negras dos saraus periféricos, intitulada *Pretextos de Mulheres Negras*.

Um (merecido) destaque às organizadoras

Mais uma vez, a ancestralidade encontrou uma forma de nos unir, em um cenário caótico como o que estamos vivenciando, para produzir poesias de sobre(vivência), pois nunca é tarde para voltar e apanhar o que ficou para traz e continuarmos escrevendo para o nosso tempo... (MORAES & SOUZA, 2021, p. 17).

Em sua autobiografia, Elizandra Souza menciona que seu pai e sua mãe são baianos, que nasceu em São Paulo, na periferia da zona sul, morou por um tempo na Bahia e posteriormente retornou para onde nasceu (MORAES & SOUZA, 2021), onde atua hoje. Possui uma vasta trajetória literária com importante incidência em outros campos. Segundo Silvia Castro (2016), a autora Elizandra trafega entre: 1) a música — por sua participação no hip-hop, por meio da elaboração de fanzines de difusão da escrita negra feminina autoral; 2) a literatura, com ênfase em seu livro *Águas da Cabaça*, lançado em 2012; e 3) a tecnologia, por meio da coordenação de um programa

² Mirian Santos aponta que a literatura negro-brasileira circula há muito tempo no cenário cultural nacional, já que os jornais publicados por pessoas negras abordam sua produção literária desde 1915, como o jornal O Menelik, Kosmos, O Clarim da Alvorada e A voz da Raça. A compilação da produção negra de fato só aparece com os Cadernos Negros que surgiram no Festival Comunitário Negro Zumbi, realizado em São Paulo em 1978, idealizado pelo memorável Cuti (SANTOS, 2018). O volume mais recente publicado é o de nº45, lançado em Abril de 2024.

semanal na Rádio Comunitária Heliópolis em 2009, fomentando e divulgando a produção artística local (CASTRO, 2016).

Em 2021, comemorando seus 20 anos de caminhada na literatura, lançou *Quem pode acalmar esse redemoinho de ser mulher preta?*, um livro de poesias bilíngue (inglês/português). É criadora do Coletivo Mjiba, que lançou outras antologias e trabalhos literários e, em sua produção, tem buscado valorizar a escrita de mulheres negras, seja das pioneiras, seja das que estão produzindo atualmente.

Encontra-se com Iara Silva, também paulistana, que menciona em sua autobiografia herdar os genes da paixão e do encontro com a arte e a cultura. Comenta ser leitora mesmo quando não tinha acesso aos livros, pois via histórias em todos os lugares onde havia palavras; tornou-se escritora ao aventurar-se, com o apoio, incentivo e inspiração de outras mulheres negras que encontrou em sua trajetória, tornando essa história possível (MORAES & SOUZA, 2021). Na obra mencionada, escreveu também o quarto capítulo, que foi voltado para a Literatura Negra Infantil, sua necessidade e importância para a formação das crianças e da sociedade brasileira.

Diante do contexto apresentado, articulamos uma reflexão com enfoque nos textos que versavam especificamente sobre o período da pandemia ou acontecimentos relacionados a esse momento histórico, com ênfase em uma das autoras.

Buscando fôlegos e encontros de si

Na obra destacada, aparecem textos sobre os efeitos das diferentes violências e opressões que incidem sobre os corpos de mulheres negras, assim como as alegrias, forças e potências que desse corpo advêm³. No que concerne à temática pandêmica, há poemas que abordam o sofrimento da incerteza, do medo da morte e da perda dos nossos — inclusive por serem quem mais morre, faceta do racismo; de uma outra faceta do mesmo, a violência agravada, evidenciada e exacerbada nesse período pelos

³ Para mencionar alguns, temos o poema “Libertando-me”, de Alessandra Costa e “A rebeldia dos ventos”, de Caroline Anice, que versam sobre o sofrimento advindo de violências articuladas com a questão do gênero; o texto “Futuro amor ancestral” de Bianca Silva, que apresenta o amor preto como cura às dores do racismo; e ainda um dos textos de minha autoria, “Renascimento” que trata de um processo de autoconhecimento (MORAES & SOUZA, 2021).

episódios marcantes como o do menino Miguel, Floyd e da primeira mulher morta por COVID-19 no Brasil. Há também textos que abordam a importância ou necessidade de acolhimento e encontros ancestrais consigo mesma e com as nossas, engendrados como tecnologias de cuidado, de retorno e de cura. A autora aqui escolhida tem seus dois textos voltados para o sofrimento psíquico advindo da pandemia, abordando, ao mesmo tempo, as estratégias utilizadas para sobre(viver) a ela. Eles serão apresentados integralmente ao final do ensaio.

Benaisha é o vulgo ou codinome que a autora utiliza para colocar seu eu literário no mundo, como consta de sua autobiografia também disponível na obra; trata-se de uma tática para driblar o autojulgamento que a escrita pode gerar. Menciona seus ancestrais em vida e os que já partiram como parte importante de sua descrição. Sua paixão pela literatura, seus percursos formativos acadêmicos e profissionais foram relatados, assim como seu confortante encontro com a literatura feminina negra por meio de Elizandra, em outra já mencionada antologia, *Pretextos de Mulheres Negras*. É uma das autoras do Sudeste, hoje com 30 anos, nascida na periferia de Osasco. Relata ainda a importância do rap, da música negra e da expressão dos sentimentos como via de expressão da potência singular que carregamos nessa existência (MORAES & SOUZA, 2021).

No texto intitulado “Efeito Borboleta” (Benaisha, 2021a, p. 52), a autora sugere uma interconexão do mundo em “Aquilo que acontece no oriente, reflete no ocidente”. Tal conectividade e continuidade é, inclusive, o motivo pelo qual a pandemia se tornou global, e quando adicionamos a reflexão das “asas da borboleta que causam um tornado”, temos uma demonstração da faceta caótica de transformação e destruição das coisas que essa conexão possui. O bater de asas da COVID-19 se inicia com uma infecção reportada na China, em dezembro de 2019. Devido à velocidade de contaminação a nível mundial, foi considerada um tornado do tipo pandêmico. Entre a China de dezembro de 2019 e o Brasil em abril de 2020, já ultrapassávamos a marca de 100 mil mortes e dois milhões de casos confirmados no mundo inteiro (SCHMIDT et al., 2020).

Demonstrando diálogos com sua realidade cotidiana, assim como Rappin Hood que presta menções honrosas ao trabalhador e à trabalhadora da periferia, para quem o dia recomeça às 5 da manhã⁴, Benaisha observa, preocupada, que há gente se sufocando para conseguir respirar; assim como é sufocante que as interdições do vírus vão deixando as pessoas sem trabalhar. Daí temos notícias dos efeitos nefastos da pandemia com relação ao cotidiano da *gente suburbana*: milhares de pessoas se viram na tensão entre cumprir as orientações de isolamento e quarentena, que solapavam o sustento e a manutenção da sobrevivência, e então ela observa acuradamente: “se sentir seguro ou fodido, o que grita mais forte?” (BENAISHA, 2021a, p. 52). Algumas delas, porém, não tinham a opção de se manter em proteção. Ela qualifica essa discussão demonstrando que, apesar de atingir a todos igualmente, “é a doméstica que ainda precisa limpar”. A COVID-19 chega ao país pelas classes abastadas (FAUSTINO, 2020), mas é Cleonice Gonçalves, a empregada doméstica da família, a primeira vida interrompida (GONZAGA & CUNHA, 2020).

Chama de suja a mídia que se deleita com a venda de seu produto preferido: a morte. Essa mídia veiculava os posicionamentos políticos de uma gestão federal que se importava apenas com a manutenção de um status quo. Deivison Faustino menciona a campanha lançada pelo governo federal, que insistia em contrariar as medidas de segurança orientadas pela Organização Mundial da Saúde, com assertiva de que o país não podia parar. Essa campanha visava manter a circulação de trabalhadores e trabalhadoras, apesar da contenção mundial da mesma, vista como inimiga pelos donos do mercado (FAUSTINO, 2020).

A autora observa ainda que Deus é quem pede piedade à humanidade, sugerindo uma relação com a fé e com a espiritualidade que tem a ver com presença. O fato de estar trancado torna esse Deus esquecido, além de acometido pelo adoecimento

⁴ Trechos do rap “Suburbano” mencionado do também paulistano Rappin Hood, que continua: “Todo dia às 5 da manhã, começa tudo de novo/ Todo dia às 5 da manhã, desperta meu povo/ Suburbano, suburbano, suburbano... / Acorda meu amigo, pois já chegou a hora / A hora da batalha, simhora / Peita a caminhada até a estação/ Com trem lotado e a marmita na mão”.

demasiado humano que é a ansiedade, que, assim como a depressão e o estresse, esteve tão presente no dia a dia da pandemia (FARO et al., 2020; SCHMIDT et al., 2020).

Ela nos lembra também da fugacidade da vida, exacerbada pela quantidade de partidas que nos deparávamos o tempo inteiro, nas redes sociais que pareciam obituários: “De que vale as contas que você paga no fim do mês?” (BENAISHA, 2021a, p. 52), ela diz, ao mesmo tempo em que nos relembra das prioridades, do cumprimento das funções e obrigações sociais que parecem nos colocar num ciclo de subsistência, sem propósito ou com uma finalidade que nada tem de humana – a de viver para pagar as contas. Se tudo isso nos deixa desesperados, desatinados, sem vontade de seguir vivendo, ela ensina: “Senta, respira, conta até três / O buraco é mais profundo / Você faz parte do mundo” (BENAISHA, 2021a, p. 52).

Todo mundo faz parte desse mundo que parece acabar, e pensar que “sua atitude sempre tem um efeito” (BENAISHA, 2021a, p. 52) nos ajuda a entender o título do poema e sua relação com o fenômeno da física tão conhecido e mencionado na história. Parece que o nível de profundidade da fenda que foi formada torna urgente perceber que não será possível manter as coisas como são (ou como eram). “Agora você está no casulo em introspecção / funde em seu ser para voar na hora certa” (BENAISHA, 2021a, p. 52), diz ao final, e essa circunflexão interna nos leva a focar no presente, retirando-nos do mundo externo e voltando-nos para dentro, para o autoconhecimento como estratégia de muito mais que sobrevivência, mas de resistência. A recomendação de se fundar em si para eventualmente abrir voos, parece mirar um horizonte em que as coisas serão diferentes.

Nos tornamos um só em “Me deitam no chão e pisam em meu pescoço” (BENAISHA, 2021b, p. 53). Assim começa o poema “Respiro”, que faz ecoar uma frase que se tornou um refrão doloroso mundialmente para aqueles e aquelas cujas mortes azeviche são contadas, sentidas e ouvidas: “Não consigo respirar”. Ela faz menção ao assassinato de George Floyd nos Estados Unidos em 2020. Em plena pandemia que ceifava vidas, assim como M João Pedro Matos Pinto e João Victor Gomes da Rocha aqui no Brasil, ambos deram seu último suspiro – mas esse fim nada

teve a ver com o vírus. Anos antes, outros e outras tantas também tiveram suas vidas ceifadas pelo racismo em articulação com outras opressões e violências, nos deixando sem fôlego (GONZAGA & CUNHA, 2020). Mais poemas da antologia registram e destacam esses nomes, em memória dessas partidas, como o fizeram Paula Gonzaga e Viviane Cunha (2020), produzindo um memorial que denuncia a articulação mortal entre a colonialidade e o racismo estrutural, em um momento globalmente tão difícil.

Também nos deixava ofegantes a situação das vacinas no país, uma das maiores medidas de proteção contra o vírus. Apesar de um Sistema Único de Saúde que organizava as prioridades a partir da realidade, a segregação se revelava quando o trabalhador e a trabalhadora não tinham acesso ou chegavam por último na fila em que deveriam ser os primeiros. Deivison Faustino analisa que a conjuntura política e econômica sabotou as condições reais de proteção epidemiológica dos grupos vulneráveis, o que está relacionado à seletividade no olhar para as mortes que se multiplicavam. Ele aponta ainda que “o vírus pode até ser democrático, mas a sociedade brasileira, não” (FAUSTINO, 2020, p. 5), pois a manutenção da desigualdade histórica que nosso país carrega resulta em uma distribuição desigual de acesso à prevenção e tratamento.

Mas falta o ar ainda, segundo Benaisha, quando se pensa nos adoecimentos, nos milhares de amigos e amigas, familiares, conhecidos e conhecidas que estiveram nos leitos de hospitais e UTIs, e para quem não havia nada que pudesse ser feito para que fossem salvos, para que fossem curados, para que fossem cuidados. Este todos-em-um em que nos encontramos finalmente se rebela diante das constatações sufocantes; questiona os céus, esbraveja onde o divino está, e é na espiritualidade que algo pôde encontrar. Ela menciona então os aprendizados de continuidade ancestral africana que fazem o viver ser tirado de algo comum, lembrando-se de que o todo só existe em sintonia com o um. Em um estado de contemplação após lágrimas, agradecimentos e compreensão, constata que: “Ajudada pelo espírito ancestral no mundo / Finalmente / Respirei/ Fundo” (BENAISHA, 2021b, p. 53).

Considerações finais

Assim como Benaisha, alguns outros textos da antologia mencionam a importância de assumir para si a reclusão e introspecção que os tempos pandêmicos exigiram de nós, a partir da quarentena e do isolamento social, com todas as ressalvas já mencionadas. Alene Silva fala do silêncio e do silenciamento, inclusive com estratégias de enfrentamento; Anajara Tavares fala em se derramar, se acender e escrever para manter-se viva, cuidando de si e de sua criação; Anna Beatriz e Caroline Anice também falam em voltar para si como estratégia de cuidado e de cura; Débora Santos menciona o menino Miguel, título do poema de Elenia Cardoso; Edenice Fraga aponta que, se anuncia a morte, a pandemia também anuncia a vida; Gabriela Araujo já evidencia no título a busca pelo amor que vem do encontro consigo, neste período; e Leoni Rita evidencia, com "ao deusa diaspórica", uma oscilação entre nutrir o mundo com sua tradição e tempero para ser deixada longe de casa, em casa alheia, na margem da sociedade, com água e sal. Tais Espirito Santo arremata com "isso tudo vai passar. Respira." – e, aliás, muitas de nossas autoras falam em respirar, em contextos que não necessariamente têm a ver com a pandemia ou Floyd, mas que se relacionam a um imaginário importante que esses eventos marcam.

Parece que olhar para si mesma e olhar com mais cuidado para sua família, sua casa, sua comunidade compartilhada, tratou-se de um reencontro importante e necessário neste período, possibilitando nesse trajeto uma narrativa que não passava somente pelas dores e angústias derivadas de todos os acontecimentos pandêmicos.

Se a literatura é intelectualidade, é particularmente importante e necessário disputar esse espaço sendo quem somos, alargando as próprias noções basilares de intelecto que foram forjadas para nos excluir. Produzir intelectualidade a partir do cotidiano possibilita transformar a realidade de maneira mais eficaz e efetiva. O capítulo 3 de *Literatura Negra Feminina: poemas de sobre(vivência)* aponta que é necessário reconhecer, ler e legitimar as escritoras negras no exercício de suas funções literárias, ou seja, em vida! (MORAES & SOUZA, 2021, p. 159).

Nesse sentido, as escritoras negras da obra em geral, e Benaisha em específico, nos ajudam a produzir uma reflexão sobre como o cuidado de si e o cuidado dos nossos – familiares, amigos e amigas, coletividades em geral – é uma tecnologia afrodiaspórica, ou um dispositivo antirracista, como percebe Emiliano David ao pensar o aquilombamento, o desnorteamento e a luta antimanicolonial (DAVID, 2022). Isso não tem a ver necessariamente com uma originalidade ou novidade destes processos; tem a ver precisamente com apanhar o que ficou, nos recusando a deixar para trás, a despeito de todos os movimentos de eliminação física e simbólica que nos atingem.

Referências

- BENAISHA. Efeito Borboleta. In: MORAES, Iara; SOUZA, Elizandra (orgs.). *Literatura negra feminina: poemas de (sobre) vivência*. 2021a, p. 52.
- BENAISHA. Respiro. In: MORAES, Iara; SOUZA, Elizandra (orgs.). *Literatura negra feminina: poemas de (sobre) vivência*. 2021b, p. 53.
- CASTRO, Silvia Regina Lorenso. Elizandra Souza: escrita periférica em diálogo transatlântico. In: *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, p. 51–77, dez. 2016.
- DAVID, Emiliano de Camargo. *Saúde mental e racismo: saberes e saber-fazer desnortado na/para a Reforma Psiquiátrica brasileira antimanicolonial*. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2022. Disponível em: <<https://repositorio.pucsp.br/xmlui/handle/handle/30911>>. Acesso em: 8 abr. 2024.
- DUARTE, Constância Lima. 2021 – o ano em que as escritoras negras bombaram! Resenha do livro "Literatura Negra Feminina: Poemas de (Sobre) Vivência", organizado por Iara Moraes e Elizandra Souza. 2021. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/resenhas/poesia/1685-elizandra-souza-iara-moraes-orgs-literatura-negra-feminina-poemas-de-sobre-vivencia>. Acesso em: 01.abr.2024.
- FAUSTINO, Deivison. Os condenados pela Covid-19: uma análise fanoniana das expressões coloniais do genocídio negro no Brasil contemporâneo. Buala, Lisboa, 10 jul. 2020. Disponível em: <https://www.buala.org/pt/cidade/os-condenados-pela-covid-19-uma-analise-fanoniana-das-expressoes-coloniais-do-genocidio-negro>. Acesso em: 01.abr.2024.
- FARO, André; BAHIANO, Milena de Andrade; NAKANO, Tatiana de Cassia; et al. COVID-19 e saúde mental: a emergência do cuidado. *Estudos de Psicologia* (Campinas), v. 37, 2020.

GONZAGA, Paula. Rita Bacellar; CUNHA, Vivane Martins. Uma Pandemia Viral em Contexto de Racismo Estrutural: Desvelando a Generificação do Genocídio Negro. *Psicologia: ciência e profissão*, v. 40, p. e242819, 11 dez. 2020.

MORAES, Iara; SOUZA, Elizandra (Orgs.). *Literatura negra feminina: poemas de (sobre) vivência*. 2021.

SANTOS, Mirian Cristina dos. *Intelectuais negras: prosa negro-brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Malê, 2018.

SCHMIDT, Beatriz; CREPALDI, Maria Aparecida; BOLZE, Simone Dill Azeredo; et al. Saúde mental e intervenções psicológicas diante da pandemia do novo coronavírus (COVID-19). *Estudos de Psicologia (Campinas)*, v. 37, 2020.

SOUZA, Heleine Fernandes de. *Poesia afro-feminina e resistência ao epistemicídio através das poéticas de Conceição Evaristo, Livia Natália e Tatiana Nascimento*. Tese (Doutorado em Teoria da Literatura)—Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2019.

Poemas na íntegra

I. Efeito Borboleta

Aquilo que acontece no oriente, reflete no ocidente
Como as asas da borboleta que causam um tornado
Olho por olho dente por dente
No descaso e abandonado
O artista que se sufoca para conseguir respirar
O vírus que sufoca, gente sem trabalhar
Atinge a todos iguais,, mas é a doméstica que ainda precisa limpar
Sujeira da mídia satisfeita com seu assunto preferido, morte
Se sentir seguro ou fodido o que grita mais forte?
Deus trancado e esquecido com crise de ansiedade
Pedindo aos humanos um pouco de piedade
De que vale as contas que você paga no fim do mês?
Senta, respira, conta até três
O buraco é mais profundo
Você faz parte do mundo
Sua atitude sempre tem um efeito
Não se conforme com as coisas do mesmo jeito
Agora você está no casulo em introspecção
Funde em seu ser para voar na hora certa
Agora no meio do furacão
Você trabalha a autodescoberta.

II. Respiro

Me deitam no chão e pisam em meu pescoço
No concreto, concretizam a violência das Américas no fundo do poço
Se ainda precisamos gritar Black Lives Matter
Entendi que a gente ainda precisa se defender
E sim, os de pele alva ainda vão se ofender
George, Eric, João, Claudia precisamos lembrar
Eu não consigo respirar

A vacina que para o trabalhador nunca chega
Na saúde e na doença, o Brasil que segrega
Senhor de engenho na política emprega
O governo que faz seu maior papel, nos matar
Naquele que se lambuza de leite condensado, eu queria atirar
Eu não consigo respirar

Ver quem você ama deitada em um leito de hospital agora
Nem todo seu dinheiro, seus bens, podem ajudar
Melhora, piora, melhora, piora
Percebe que ar você não consegue dar
Pelos ancestrais foi levada embora
Pra luz infinita admirar
E eu não consigo respirar

Questionei aos céus, gritei
Onde o divino estava diante da dor?
Desacreditei, sentei, meditei
E senti o abraço de Òrúnmilà curador
Acolhida pela energia que no caos não me abandonou
Isso o próprio vento me ensinou
O sopro de vida de Olorum
Tira o viver de algo comum
Éo todo em sintonia com o um
Chorei, agradei, entendi
Eu era composta da magia de Èmí
Ajudada pelo espírito ancestral no mundo
Finalmente
Respirei
Fundo.

Recebido em: 31/03/2024

Aceito em: 18/05/2024